

ENTREVISTA COM AMILTON MORETTO¹ - Tendências recentes do mercado de trabalho brasileiro: balanço e perspectivas²

Felipe de Holanda - A taxa de desemprego, medida pelo IBGE, atingiu, em janeiro último, o mínimo da série (4,8%), desde a mudança de metodologia, em 2002. Alguns analistas apontam tal patamar como representativo de uma situação de pleno emprego. O Senhor concorda com esta avaliação?

Amilton Moretto - Falar em pleno emprego parece-me certo exagero. Primeiramente, essa taxa refere-se somente a seis regiões metropolitanas divulgadas pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), desconsiderando outras áreas metropolitanas e as áreas não metropolitanas. Um segundo aspecto importante: essa taxa foi menor que a de janeiro de 2013 (5,4%), mas foi 0,5 ponto percentual superior à registrada no mês anterior (dez/2013), que foi de 4,3%. Esse resultado significou um aumento de cerca de 102 mil trabalhadores no total de desempregados, enquanto reduziu-se o número de pessoas ocupadas. Outra questão é definir pleno emprego e qual a taxa que seria representativa dessa situação, pois mesmo neste caso existirão postos de trabalho a serem preenchidos e trabalhadores em busca de uma melhor colocação no mercado de trabalho, ainda que o tempo de desemprego seja menor. Por outro lado, é inegável que o mercado de trabalho tem apresentado crescimento significativo desde a década passada, com a ampliação das oportunidades de emprego com carteira assinada, mesmo com a redução do ritmo de crescimento do PIB. Esse bom dinamismo da economia, especialmente de alguns setores, pode ter levado a uma demanda por profissionais com perfis mais especializados, gerando *gargalos* para determinadas empresas que, com a dificuldade em encontrar tais profissionais mais especializados no mercado, buscam atrair esses trabalhadores de empresas concorrentes, pagando maiores salários.

Felipe de Holanda - Não obstante o patamar baixo do indicador de desemprego medido pelo IBGE, a geração de postos de trabalho formais vem se reduzindo há três

¹ Mestre em Economia Social e do Trabalho pela UNICAMP e doutor em Desenvolvimento Econômico pela UNICAMP. Atualmente atua como professor da UNICAMP e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho (CESIT).

² Entrevista concedida ao Profº Felipe de Holanda, doutorando em Políticas Públicas da UFMA e pesquisador do GAEPP.

anos. Ao mesmo tempo, pode se observar uma redução no ritmo de crescimento da população economicamente ativa. Que fatores explicam tais movimentos?

Amilton Moretto - No que diz respeito à redução do ritmo de crescimento da população economicamente ativa, dois fatores podem ajudar a explicar este fenômeno. Um de caráter demográfico – mudança na estrutura etária da população brasileira – resultado do processo de transição demográfica que começou em meados dos anos 1960, resultando em menor fecundidade e menor ritmo de crescimento da população em idade ativa, que deverá entrar em declínio num futuro próximo e, portanto, impactará a população economicamente ativa. Um segundo motivo, mais conjuntural decorre da menor participação do jovem, especialmente do sexo masculino, no mercado de trabalho, que tem como um de suas explicações a melhoria do rendimento das famílias de baixa renda, o que pode ter reduzido a pressão do jovem para entrar no mercado de trabalho. Outro aspecto apontado diz respeito ao jovem estar permanecendo mais tempo na escola, o que pode ajudá-lo em uma melhor inserção no mercado de trabalho. Essa menor taxa de participação ajuda a explicar também os baixos níveis de desemprego. Já em relação ao menor ritmo de geração de postos de trabalho está associado ao menor ritmo de crescimento da economia brasileira nos últimos anos. A crise internacional, as dificuldades do governo em colocar em andamento projetos de infraestrutura levam ao aumento das incertezas no setor privado, que retardam o investimento com consequências sobre o ritmo de crescimento do emprego.

Felipe de Holanda - Há evidência de que o *turn over* e o acesso ao seguro desemprego vêm se acelerando nos últimos anos, contrariando as expectativas geradas pelo baixo patamar de desemprego. Que razões explicam esse fenômeno?

Amilton Moretto - Nas economias industriais, onde a relação de emprego formal é predominante, o seguro desemprego tende a ter um comportamento anticíclico, isto é, aumenta nos momentos de recessão econômica e diminui quando a economia e o emprego crescem. No caso brasileiro, isso não ocorre porque há uma grande rotatividade – aqui estamos falando daquela originada pela demissão sem justa causa, que gera o direito ao benefício, e não daquela em que o trabalhador é quem se demite. À medida que a economia brasileira voltou a crescer mais fortemente em meados dos anos 2000, o emprego formal voltou a crescer também. Como a rotatividade manteve-se nos mesmos patamares, um maior número de trabalhadores que foram demitidos acabou por cumprir os requisitos para

ter acesso ao benefício do seguro desemprego. Em termos relativos, ou seja, o número de beneficiários do seguro em relação ao total de empregados, não houve mudanças. O fato é que temos um número maior de empregados formais do que tínhamos no passado e, também um número maior de beneficiários do seguro. Como o salário mínimo teve crescimento real no período, o volume de despesa com o pagamento do seguro desemprego cresceu significativamente, pressionando os recursos do FAT. Cabe discutirmos e encontrarmos formas de reduzir a rotatividade do trabalho no Brasil, que sempre foi elevada.

Felipe de Holanda - **É possível identificar uma tendência de comportamento das remunerações médias nos vários setores de atividades? Tendo como base tal tendência, é possível fazer previsões para a evolução da massa salarial real no curto e médio prazo?**

Amilton Moretto - Com relação aos rendimentos, creio que o aspecto mais importante foi a recuperação do poder aquisitivo do salário mínimo e, com ele, do rendimento dos trabalhadores das ocupações menos qualificadas. Não foram somente estes que tiveram recuperação salarial, já que a maior parte das categorias profissionais conquistou aumentos reais de salário. A diferença é que os rendimentos da base cresceram proporcionalmente mais do que os rendimentos dos trabalhadores situados em faixas de rendimento mais altas. O resultado disso foi uma redução da diferença salarial entre os trabalhadores – ou o fechamento do leque salarial, para usar outro termo. No curto prazo, é possível que a massa salarial continue crescendo – haja vista que o crescimento do emprego no mês de fevereiro/2014 foi alto para esse mês – mas a recuperação das remunerações dependerá da continuidade do crescimento do emprego formal, por um lado, e da política de recuperação do salário mínimo a ser adotada a partir de 2015. Se a presidenta Dilma for reeleita, é possível que ela mantenha uma política de valorização do salário mínimo, ainda que num ritmo menor. Dos outros possíveis candidatos é difícil prever a posição que os mesmos irão tomar com relação a esse tema.

Felipe de Holanda - **Em que a PNAD Contínua pode contribuir no que diz respeito ao monitoramento e avaliação do desemprego no Brasil?**

Amilton Moretto - A PNAD Contínua tem a vantagem de permitir uma visão mais ampla sobre o mercado de trabalho brasileiro em termos espaciais do que a Pesquisa Mensal de Emprego, que publicava os resultados somente para seis regiões metropolitanas e, também em termos temporais, já que a PNAD referia-se a um único momento no ano, e agora temos informações trimestrais. Com isso, os pesquisadores e gestores públicos terão informações sistemáticas do conjunto dos estados e regiões metropolitanas e do Brasil em seu conjunto, e no caso do desemprego, teremos informações mais precisas em relação ao que está acontecendo no país, podendo-se diferenciar as dinâmicas dos mercados metropolitanos e dos não metropolitanos, assim como poderemos fazer comparações entre as diversas regiões geográficas do país e também intra-regional.